

FOLHA DE S.PAULO

Muito prazer, somos a FIESP

Apoiamos Bolsonaro, que pôs o país no rumo certo

Paulo Skaf

Achar nosso endereço é fácil: qualquer um que já tenha passado pela avenida Paulista sabe onde fica o prédio da Fiesp. Nosso trabalho também é conhecido: somos a mais importante entidade representativa do setor produtivo. Além disso, administramos o Sesi e o Senai de São Paulo, referências em educação, esporte, cultura, formação profissional, inovação e tecnologia.

A Fiesp é também uma casa aberta. Todos os dias 3.500 pessoas circulam por nossa sede, entre empresários, funcionários, autoridades brasileiras e estrangeiras, personalidades, jornalistas e visitantes. Todos são bem recebidos. Apesar disso, algumas pessoas que participam do debate público insistem em demonstrar certa incompreensão sobre o que fazemos.

Os leitores desta Folha, por exemplo, depararam-se nas últimas semanas com quatro textos sobre a Fiesp que causam estranheza, e por que não dizer, indignação em quem conhece e vive nosso dia a dia. Um deles, o mais obtuso, perguntava se a Fiesp é “fascista”. Chega a ser ridículo demais para comentar.

Outro denunciava uma suposta “militarização recente” da entidade com o objetivo de se aproximar do governo federal. Baseava-se no fato de que temos em nosso quadro quatro oficiais de alta patente da reserva em postos de confiança. Desconsiderava, porém, que

INFORME

são quatro em 16 mil funcionários da Fiesp, Ciesp, Sesi, Senai e IRS. E que três deles estão contratados há sete anos.

Outro texto, analítico, dizia que a única ação política possível a um industrial é a “participação no jogo patrimonialista”. Difícil engolir uma crítica dessas de um expoente do PT. Por fim, fomos surpreendidos por um artigo apocalíptico que anunciava nada menos que a “morte” da Fiesp (!!??). Ao que parece, alguns estão se sentindo incomodados.

A Fiesp está mais viva do que nunca. É uma entidade pulsante, que trabalha pelo Brasil e enfrenta os desafios do futuro. Nos últimos anos, recuperamos nosso lugar como principal porta-voz dos setores produtivos. Temos orgulho disso.

Recuperamos também o Sesi e o Senai de São Paulo. Quando assumimos, o Sesi estava fechando escolas. Revertemos esse absurdo e fomos além: construímos mais de uma centena de grandes e moderníssimas escolas pelo estado, com ensino em tempo integral e robótica. Investimos em esporte e cultura. No Senai, renovamos todos os equipamentos e laboratórios. Hoje temos mais de 1.500 cursos, da aprendizagem industrial à pós-graduação, todos com foco em tecnologia e inovação. No total, são mais de 1 milhão de matrículas por ano.

A sequência de críticas estampadas nesta Folha, que ninguém se engane, tem como pano de fundo a aproximação que houve no ano passado entre a Fiesp e o governo do presidente Jair Bolsonaro.

Apoiamos o governo Bolsonaro? Sim. Ele promove a agenda econômica que sempre defendemos, de controle de gastos públicos, reformas estruturais, redução de juros, desburocratização... Bolsonaro colocou o país no rumo certo e tem dado demonstrações concretas de estar comprometido com o crescimento e com a geração de empregos.

Engana-se quem pensa que a Fiesp não é, nem deve ser, uma entidade política. Deve sim. Ela é política, mas não partidária. Por isso, assumimos publicamente nossas posições e a defesa dos setores produtivos, do emprego e do bem do Brasil.

INFORME

Não temos medo de lutar pelo que acreditamos. Foi assim que lideramos as mais importantes campanhas do país nos últimos anos. Derrubamos a CPMF, barramos o aumento de impostos, combatemos os juros altos... Quando percebemos que a gestão da presidente Dilma Rousseff (PT) levaria o país ao abismo, tivemos a coragem de ser a primeira entidade a apoiar a população brasileira e o impeachment.

Uma Fiesp indecisa e sem voz perde a razão de ser. Era assim quando assumimos. Nunca concordamos com isso. Atacar nossa entidade por ter posicionamento político só interessa a quem não tem compromisso com os setores produtivos nem com o Brasil. Ou a quem se deixa consumir pelo recalque e pela inveja.

Todos que querem participar da Fiesp são bem-vindos. São cerca de 6.000 dirigentes empresariais voluntários. Lideranças importantes em suas empresas, setores e entidades. Nossas posições são claras, firmes e transparentes, sempre em defesa do Brasil. Essa é a nossa Fiesp.

Paulo Skaf

Presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e do Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo)

TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

(Fonte: Folha de SP – 23/01/2020)

Maior parte de negociação salarial não tem ganho real

Fatia com reajuste acima da inflação ficou em 49,4% no ano passado, ante 75,5% em 2018, aponta Fipe

Salariômetro

Proporção de reajustes com ganho real despencou em 2019

■ Proporção de reajustes (%)*



Fonte: Salariômetro/Fipe. *Em relação à inflação acumulada em 12 meses medida pelo INPC

Por **Thais Carrança** — De São Paulo

Menos da metade das negociações entre patrões e empregados resultou em reajustes de salários com ganho superior à variação da inflação em 2019. A proporção despencou de 75,5% de correções acima do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) em 2018, para 49,4% no ano passado, devido à aceleração do há 4 horas Brasil indicador na passagem de um ano a outro. Em 2020, a dificuldade de obter reajustes maiores do que a inflação deve se manter.

Entre as 49 categorias profissionais, apenas 25 conseguiram algum aumento real em 2019. Das 27 unidades da federação, somente 12 registraram reajustes acima da inflação, segundo o boletim Salariômetro da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). “Embora, em termos históricos, a inflação de 2019 tenha sido pequena, ela foi maior do que a de 2018. Isso reduziu o espaço para ganhos reais”, diz Hélio Zylberstajn, 4

INFORME

coordenador do boletim. A inflação média em 2018 foi de 2,9%, subindo a 3,8% no ano passado, considerando o INPC acumulado em 12 meses, referência para as correções salariais.

Em dezembro, o reajuste mediano ficou em 3,4%, em linha com a inflação do período. A correção, que não resultou em ganho real aos trabalhadores, interrompeu sequência de seis meses de reajustes acima da inflação, como resultado do repique inflacionário no fim de ano, devido à alta no preços das carnes por conta da gripe suína chinesa.

Segundo Zylberstajn, a menor proporção de reajustes acima da inflação no ano passado foi de alguma maneira compensada por benefícios maiores, como valealimentação, adicional de hora extra e banco de horas. A frequência desses itens nas negociações fechadas cresceu na passagem de 2018 para 2019, o que, conforme o professor, indica mais conquistas nessas áreas.

O número de negociações concluídas mostrou alguma recuperação em 2019, após queda abrupta em 2018, como resultado de impasses gerados pela reforma trabalhista, que entrou em vigor em novembro de 2017. As negociações somaram 29,4 mil em 2019, acima das 28,9 mil do ano anterior, mas ainda abaixo das 34,8 mil de 2017. De acordo com Zylberstajn, a questão da contribuição sindical, cuja obrigatoriedade foi extinta pela reforma da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), continua sendo o principal impasse nos acordos e convenções coletivas.

Foram 23 os acordos com redução de jornadas e salários em 2019, abaixo dos 58 do ano anterior e dos 390 do pico registrado em 2016, auge da recessão. “Essa alternativa foi usada até se esgotar. Como a recessão foi muito prolongada e a recuperação está sendo muito difícil, esse caminho foi abandonado”, diz o pesquisador da Fipe.

Para 2020, as perspectivas para as negociações salariais são pouco animadoras, avalia Zylberstajn. “No geral, deve ser tão difícil quanto o ano passado, pelo menos.”